

CONTOS GAUCHESCOS NA PERSPECTIVA BAKHITINIANA

Nathalia Stoll¹

João Pedro Sgarbi Rocha²

Luana Morales Vasconcellos³

Maria Eduarda Lemos⁴

Isabel Cristina Ferreira Teixeira⁵

Resumo:

No presente trabalho temos como objetivo analisar o dialogismo no Conto No Manantial, considerando que esse estudo permite observar as ideias bakhtinianas de que o dialogismo colabora com a leitura e interpretação dos diferentes gêneros, afinal o mesmo supõe a plurissignificação. Essa análise será feita através da noção de dialogismo constitutivo que promove a ideia mais importante, pois da conta de tudo, e da identificação de formas composicionais marcadas, discurso direto ou indireto, presentes no texto. Além disso, pretendemos entender de que forma a relação que o narrador em 1ª pessoa tem com o leitor e que efeito isso causa na obra. A oralidade materializa em si aspectos da história, dão à fala um tom e um contexto próprio de nossa realidade. No caso do Rio Grande do Sul, a oralidade é afetada pelo idioma espanhol: não é à toa que o conto que analisamos se chama No Manantial. Além disso, também objetivamos explorar os símbolos presentes ao longo do conto: No que se refere à posição do narrador que dialoga com o leitor, "vou mostrar-lhe", o "lhe" concorda com as expressões de tratamento da 2ª pessoa do singular.

Palavras-chave: contos gauchescos, linguística, dialogismo

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

CONTOS GAUCHESCOS NA PERSPECTIVA BAKHITINIANA

¹ Aluno de graduação. natystollmoraes@gmail.com. Autor principal

² Aluno de Graduação. joaopsgarbi@gmail.com. Co-autor

³ Aluna de Graduação. luanamoraes164@gmail.com. Co-autor

⁴ Aluna de Graduação. melemos@gmail.com. Co-autor

⁵ Docente. isabelteixeira@unipampa.edu.br. Orientador

CONTOS GAUCHESCOS NA PERSPECTIVA BAKHTINIANA

1 INTRODUÇÃO

No presente trabalho temos como objetivo analisar o dialogismo em *No Manantial*, considerando que esse estudo permite observar as ideias bakhtinianas de que o dialogismo colabora com a leitura e interpretação dos diferentes gêneros, afinal o mesmo supõe a plurissignificação.

Essa análise será feita através da noção de dialogismo constitutivo que promove a ideia mais importante, pois da conta de tudo, e da identificação de formas composicionais marcadas, discurso direto ou indireto, presentes no texto. Além disso, pretendemos entender de que forma a relação que o narrador em 1ª pessoa tem com o leitor e que efeito isso causa na obra.

Justificamos o presente projeto *Contos Gauchescos na Perspectiva Bakhtiniana*, como uma forma de analisar possibilidades de sentido produzidas pela fala de Blau Nunes, gaúcho do interior que senta ao redor do fogo para contar seus causos, sua linguagem é marcada pelos regionalismos e representativa da oralidade do povo gaúcho. A oralidade materializa em si aspectos da história, dão à fala um tom e um contexto próprio de nossa realidade. No caso do Rio Grande do Sul, a oralidade é afetada pelo idioma espanhol: não é à toa que o conto que analisamos se chama *No Manantial*.

Além disso, também objetivamos explorar os símbolos presentes ao longo do conto: No que se refere à posição do narrador que dialoga com o leitor, “vou mostrar-lhe”, o “lhe” concorda com as expressões de tratamento da 2ª pessoa do singular. Tanto o diálogo diretamente estabelecido com o leitor, como “Vancê” até o modo de registro do discurso direto que não usa verbos de dizer para esclarecer quem fala, além de “vancê” como citado acima o texto estabelece dialogo com o leitor quando se remete a 2ª pessoa do singular, introduzindo o leitor ao texto.

Quanto ao “causo”, narrado por Blau, entendemos que tem que ser dramático ou assustador ou envolver eventos fantásticos. Afinal, ele precisa permanecer, ficar na memória, caso contrário não permaneceria. A própria história contada que envolve um triângulo amoroso diz dos hábitos e costumes dos gaúchos. Nesse caso, o amor incontido que gera violência e que representa o gaúcho como alguém indomável que não se submete às convenções sociais. Mas a trágica narrativa, como veremos, não perde aspectos míticos,

próprios de um período de fundação da sociedade. Do trágico, ficam objetos de permanência que confirmam a existência da história. Exemplo disso é a rosa que nasce no Manancial e que representa a moça morta. O triângulo amoroso indica a tradição bélica da região. Naquele momento de fundação e de estabelecimento de fronteiras parece não haver outro desfecho possível que não a morte. Mas a flor no manancial representa a possibilidade do novo. De uma esperança para aquela região. Reforça essa ideia a própria noção de manancial que significa não só uma “fonte” ou “nascente de água”, mas também um princípio, um começo de algo novo.

2 METODOLOGIA

Este projeto de pesquisa foi feito com base nas ideias bakhtinianas de dialogismo apresentadas por Fiorin (2006) em sua obra *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. O autor apresenta os conceitos de dialogismo constitutivo e demarcado, os quais podem ser observados no texto de Lopes Neto (1976).

Entendemos como conceitos fundamentais da perspectiva bakhtiniana o conceito de dialogismo. Bakhtin parte da ideia de que o dialogismo é constitutivo da língua, ou seja, o sentido se estabelece na língua, porque cada enunciado é atravessado por outros enunciados. No entanto, o dialogismo pode ser marcado no texto, claramente marcado como acontece no discurso direto, no discurso indireto, nas aspas e na negação, ou sutilmente marcadas, o que Fiorin chama de bivocal, tal como acontece na paródia e na estilização, por exemplo.

A nós interessa, mais especificamente, o dialogismo constitutivo e o discurso direto, pois são conceitos que pretendemos analisar em No Manancial. O dialogismo bakhtiniano propõe a análise do enunciado, o qual é atravessado por outros enunciados, ou seja, uma unidade de comunicação atravessada por outras, estabelecendo sentido através da interação.

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

O conto analisado traz a história de dois jovens que se apaixonam, Maria Altina e André, e pretendem se casar. Porém, André não é o único a desejar a jovem, ela também chamou a atenção de Chicão, que nunca foi correspondido em suas diversas tentativas de se relacionar com ela. Em uma dessas ocasiões, Chicão dá uma rosa de presente a Maria Altina. Mas de nada adianta.

Quando o dia do casamento chega, Chicão, revoltado, tenta ter a moça a força, matando sua avó e perseguindo-a até o “manantial”, lugar que será o cenário da precoce morte da noiva, que deixa como sinal apenas uma rosa boiando na água. O assassino se atola e é encontrado pelos outros envolvidos na trama. André, o noivo, tenta matar o homem a tiros, mas acaba pulando na água e morrendo juntos, brigam, deixando todos atormentados com as quatro mortes.

Percebemos no conto o dialogismo constitutivo em toda a sua estrutura. O discurso direto é uma forma composicional do dialogismo e, no conto é orquestrado por Blau Nunes, narrador que conta a história, um conto gauchesco, com a riqueza de detalhes que ele merece. O caso, para permanecer na memória e provocar susto ou medo em seus interlocutores, deve ser dramático, como o que envolve Chicão, Maria Altina e Mariano.

Podemos observar o discurso direto, como forma composicional, no fragmento que segue, a conversa entre Chicão e Maria Altina bem o exemplifica. Quem introduz a conversa é Blau Nunes:

“Uma vez ele pediu-lhe uma muda da roseira,
e ela, sem negar, para não fazer desfeita, disse-lhe que tirasse o que quisesse.
- Mas eu quero é dada pela senhora!...
- Ah! não!...: Tire o senhor mesmo, a seu gosto...
- Não dá?... pois qualquer dia pingo a facção toda essa porcaria!... “

Nesse trecho, o uso do travessão, junto com a indicação do narrador de que um diálogo vai se iniciar em discurso direto, são a evidência do dialogismo marcado. Mais: Blau Nunes conta com o leitor como alguém que preencherá as lacunas que ele deixa em aberto. Nós sabemos quem fala. O narrador não precisa nos dizer, o constitutivo está evidente em praticamente todo o conto, afinal é ele que faz com que os enunciados produzam sentido.

Desde os trechos em que os personagens estão conversando, aos que alguém está cantarolando, o dialogismo marcado está presente, assim como a voz do narrador, Blau

Nunes, que está contando a história ao leitor, o conto já começa com uma pergunta em discurso direto: “Está vendo aquele umbu, lá embaixo, à direita do coxilhão?”.

Quanto a esse narrador, podemos perceber, pela linguagem escolhida e pela organização dos fatos da história, um tom característico dos homens do campo que sentam para tomar um mate e contar um “causo” ao entardecer. Essa escolha foi feita com a intenção de prender o leitor pela curiosidade em ouvir algo que foi vivido pelo outro, assim como prenderia alguém que estivesse ouvindo a narrativa em um galpão, algo comum no interior do Rio Grande do Sul. Desde a extensão do conto ao efeito de clímax criado com a morte do casal apaixonado e de outros envolvidos, toda a estrutura contribui e dialoga com um gênero oral muito característico, dando, a princípio, a impressão de que Blau Nunes, está apenas contando um conto assustador diretamente para nós, que somos seus leitores, não seu interlocutor face a face. Talvez daí venha a inegável interação. Nos sentimos no galpão, ouvindo a história diretamente de Blau, nosso narrador, que no conto, não parece estar presente diante aos acontecimentos mas, como o conto é contado em primeira pessoa, nos remete a observar que o narrador também é um personagem oculto que estava presente diante dos acontecimentos, é que ao nos contar a história, consegui nos remeter a ela, criando a interação que faz com que o leitor, consiga ter uma visão de propriedade da história.

Além disso, no texto o dialogismo está presente em vários objetos e momentos simbólicos, superstições, caracterizada no barulho dos animais e na aparição da borboleta preta, que entra no quarto e anuncia um mau agouro momentos antes da tragédia e a preservação das histórias populares contadas por gerações, simbolizada no fato em si, e a rosa no lamaçal, representando figura feminina que está perdida e também a possibilidade de algo novo, uma esperança, mas além da figura feminina, a rosa ali também representa a tristeza, de uma jovem que morreu, e que aquela rosa, como Blau se refere ainda está sendo alimentada com o sangue da mesma, pois a roseira nasce do talo da rosa de Maria.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das leituras feitas e a identificação dos tipos de dialogismo, foi possível tirar conclusões a respeito das teorias de Bakhtin sobre dialogismo, a palavra “diálogo” não significa somente a troca de enunciados face a face em um evento de comunicação interpessoal. Fiorin (2008) diz que as relações dialógicas podem ser vistas de modo mais amplo. Um enunciado não existe isoladamente, pois estabelece diálogo com dizeres anteriores

ou posteriores. Assim também analisando o sentido presente no conto, como uma forma de perspectiva entre um enunciado oculto, mas que se faz presente no texto..

O texto nos permitiu observar, a sua linguagem significativa, como o dialogismo implícitos e explícito que nos permite a visualização de um todo no texto, como algo real de interação.

O desenvolvimento desse projeto colaborou para a compreensão de que é imprescindível, para os alunos, a abordagem prática para entender as relações entre teoria e prática, pois o processo é necessário para obtenção de bons resultados. Adquirimos experiência nesses processos de análise com o auxílio de teorias que colaboram para a nossa formação, compartilhando informações, pois no mesmo tempo em que pensamos sobre a obra e autor, houve a troca de conhecimentos entre o grupo, pois ambos compartilharam suas leituras, promovendo, como o esperado, a interação entre todos, mostrando que todos têm algo a compartilhar e que a leitura promove modos de compreensão diferentes para cada leitor.

REFERÊNCIAS

FIORIN, José Luiz. Introdução ao pensamento de Bakhtin. São Paulo: Contexto, 2006.

LOPES NETO, João Simões. Contos gauchescos. 9ª ed., Porto Alegre: Globo, 1976.